



ANDRADE, Carlos Drummond de. **Alguma poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

RESENHA DO POEMA “BALADA DO AMOR ATRAVÉS DAS IDADES” DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Leonardo Prudêncio¹
Pontifícia Universidade Católica de Goiás
(prudencioleo@hotmail.com)

O modernismo brasileiro começa em 1922 com a idealização e realização da *Semana de Arte Moderna* em São Paulo. Muito já foi falado sobre esse momento importante para a literatura e cultura de nosso país. Mas dando um breve salto no tempo, em 1930 para sermos mais exatos, o poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade faz sua estreia literária com a publicação de *Alguma poesia*, pela editora-fictícia Pindorama.

Durante a escrita da obra, o jovem Drummond trocava correspondência com o modernista Mário de Andrade. Durante as missivas trocadas entre os poetas, Drummond enviava poemas que seriam copilados em sua obra de estreia. Mário comentava, criticava e até elogiava os poemas enviados pelo poeta de Itabira. Alfredo Bosi é efusivo em suas considerações sobre a poesia drummondiana:

Na verdade, desde *Alguma poesia* foi pelo prosaico, pelo irônico, pelo antirretórico que Drummond se afirmou como poeta congenialmente moderno. O rigor da sua fala madura, lastreada na recusa e na contensão, assim como o fizera homem de esperança no momento participante de *A rosa do Povo*, o faz agora homem de um tempo reificado até a medula pela dificuldade de transcender a crise de sentido e de valor que rói a nossa época, apanhando indiscriminadamente as velhas elites, a burguesia afluente, as massas (BOSI, 2017, p.474).

Drummond foi um dos primeiros poetas brasileiros a chamar atenção pós 1930, na denominada geração de 30. Logo em seu livro de estreia, ele já nos mostrava marcas que atravessariam a produção dos seus 23 livros de poemas.

Não iremos abordar toda a produção drummondiana, nem tampouco todo o livro *Alguma poesia*. Iremos voltar o nosso olhar analítico para o poema *Balada do amor através das idades*:

Eu te gosto, você me gosta
desde tempos imemoriais.
Eu era grego, você troiana,
troiana mas não Helena.
Saí do cavalo de pau

¹ Mestre em Literatura e Crítica literária pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC/GO



para matar seu irmão.
Matei, brigámos, morremos.

Virei soldado romano,
perseguidor de cristãos.
Na porta da catacumba
encontrei-te novamente.
Mas quando vi você nua
caída na areia do circo
e o leão que vinha vindo,
dei um pulo desesperado
e o leão comeu nós dois.

Depois fui pirata mouro,
flagelo da Tripolitânia.
Toquei fogo na fragata
onde você se escondia
da fúria de meu bergantim.
Mas quando ia te pegar
e te fazer minha escrava,
você fez o sinal-da-cruz
e rasgou o peito a punhal...
Me suicidei também.

Depois (tempos mais amenos)
fui cortesão de Versailles,
espirituoso e devasso.
Você cismou de ser freira...
Pulei muro de convento
mas complicações políticas
nos levaram à guilhotina.

Hoje sou moço moderno,
remo, pulo, danço, boxo,
tenho dinheiro no banco.
Você é uma loura notável,
boxa, dança, pula, rema.
Seu pai é que não faz gosto.
Mas depois de mil peripécias,
eu, herói da Paramount,
te abraço, beijo e casamos
(DRUMMOND, 2013, p.62-63)

Inicialmente pontuamos o poema em sua íntegra para que o leitor o visualize e tenha em mente o que será analisado. A partir do próximo parágrafo, essa resenha irá tratar melhor das questões analíticas do texto em estudo.

Fazendo uma análise intertextual do poema de Drummond tendo como referência a obra de Homero, *Ilíada*, a primeira estrofe nos remete a guerra entre gregos e troianos. O amor nos tempos remotos, entre mocinhos e heróis, não se concretiza, por isso os dois morrem, pois eram tempos difíceis para os que o amor fosse consumado.



O recurso do intertexto continua na estrofe seguinte nos remetendo à Roma antiga, em que faz referência à perseguição dos romanos ao povo cristão, como também o poeta faz referência à passagem bíblica do profeta Daniel quando foi provar a sua fé na cova dos leões, onde Deus o salva, mas, diferente do texto bíblico, os amantes do poema morrem comidos pelos leões. Haveria uma crítica aí incontida sobre a impossibilidade do amor na condição cristã? Esse questionamento, deixamos em aberto ao leitor dessa resenha.

Na terceira estrofe, somos levados a ideia dos mouros conquistadores e o amor entre os dois não se concretiza devido a ela se suicidar e ele também. Isso nos remete aos tempos da estética romântica em que a musa sucumbida de amor é levada a morrer agonizada pela impossibilidade da concretude do amor.

Na quarta estrofe, ele, o poeta, cortesão, e ela, musa de amor impossibilitado, freira, porém, mesmo em tempos mais tranquilos, também não conseguem concretizar o amor devido a questões políticas, os dois são executados na guilhotina. Aqui, nessa estrofe, o poeta usa de sua lira para levar o leitor a refletir sobre a censura, e o lirismo em um mundo sobrecarregado de ódio e disputas política-sociais, tal lirismo não tem espaço nesse contexto.

Já na última estrofe, já em tempos modernos, ele, poeta, um galã-herói da Paramount e ela, musa aparentemente inconquistada, é independente e livre, conseguem concretizar o amor, ficam juntos. Como se o amor, nos tempos modernos, fosse não apenas o objetivo do lirismo, mas também que nele houvesse uma efetivação textual.

Drummond faz emendas textuais ao fisgar elementos sociais e devolvendo ao poema em forma e peso de linguagem e contextualização para que a palavra poética pouse com tranquilidade no *corpus* de sua lírica moderna. O poeta e sua amada ao atravessarem o tempo, indo da Grécia antiga até chegar à modernidade, provocam uma reflexão sobre como o lirismo e a compreensão do amor e de atos líricos são vistos ao longo dos tempos. O amor, nas quatro primeiras estrofes, não é efetivado, mesmo com a ideia mística de que o número quatro represente a ideia do todo, da completude.

“Balada do amor através das idades” nos passa uma sensação de movimento, pois o amor está em constante curso, desde o início da civilização até os tempos modernos, mostra que tudo é cíclico e que embora algo dê errado em determinada época, o tempo, que corre a galopes de cavalo desembestado no meio do sertão da caatinga, não deixa de correr e resolver seus entreamos.

João Manoel dos Santos Cunha nos oferece, uma chave de leitura interessante para o poema, como se estivéssemos diante de uma peça cinematográfica:

Essa “Balada do amor através das idades” poderia ser bem mais uma “Balada do amor através do cinema”. A narrativa cinematográfica refazendo as idades do narrador lírico: da ficção histórica do cinema de aventuras-pirata, gladiador, espadachim-à idade adulta do mundo real em que o herói moderno, pratica ações “reais”- dança, pratica boxe, rema, tem dinheiro no banco, vence a animosidade do pai – consegue efetivar o *happyend*, real-



imaginário do cinema. Presentificando um possível final feliz na vida real, o de casar-se com a mocinha. (CUNHA, 2007, p.114)

Outros elementos característicos da obra drummondiana são perceptíveis nesse poema: o erotismo, o uso do corpo, o humor e a ideia de tempo como consequência da palavra poética. Ler Drummond é estar constantemente atualizado para a compreensão poética do ser e de seus sentidos.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Alguma poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 51. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

CUNHA, João Manuel dos Santos. **O tempo restaurado pela memória cinematográfica na poesia de Carlos Drummond de Andrade**. Uberlândia: Letras e Letras, 2007.

Recebido em: 09/02/2021

Aprovado em: 25/09/2021